

PORTUGAL NA EXPOSIÇÃO DE BRUXELAS

PORTUGAL estará presente na Exposição Universal de Bruxelas, através de uma representação onde procurará dar uma visão de conjunto da vida nacional, desde o seu passado de nação navegadora até ao presente. Nesta concepção procurará salientar-se o valor humano dos progressos realizados e a tarefa de dar a conhecer novos povos ao mundo. Este aspecto será documentado por uma série importante de quadros e de objectos de arte.

O conjunto da exposição portuguesa ficará alojado numa estrutura de aço e cristal, num pavilhão que cobre 1.870 metros de um dos melhores locais da Exposição, a que será iluminado, à noite, brilhando intensamente as suas paredes de vidro — haverá um restaurante muito moderno

CHÁVENAS DE CAFÉ QUASE AMARGO

Pelo Dr. CRUZ MALPIQUE

O PARAÍSO DO «COMO SE»

Do reino dos jogos infantis disse Claparède — «é o paraíso do como se».

Na verdade, os meninos brincando, é como se fizessem guerras de verdade, navegassem através dos oceanos de água infinita, fossem visitas de carne e osso, gulassem autênticos automóveis, cosinharem jantares dos de comer, caçassem animais selvagens, construísem casas onde pudessem recolher-se...

E, enquanto simulam todas essas coisas, que só as pessoas crescidas fazem de verdade, bem concretamente, sentem-se num mundo paradisíaco, aonde não chegam os dissabores da vida real.

A HISTÓRIA DE

DENTE DE ALHO

Conta-se que, por ocasião das invasões francesas, certo lapaço português, para fugir ao serviço militar, deu parte de doente, pelo que o mandaram baixar ao hospital.

Uma vez no hospital, foi observado pelos médicos. Estes observaram, tornaram a observar, e, por fim, verificaram que o mancebo acusava febre muito alta, todos os dias, à hora do exame.

O habitual, naqueles que pretendiam escapar à mochila e ao trabuco, era, nesses tempos, como, aliás, ainda hoje, ferirem-se, ou cortarem um dos dedos das mãos, de modo a serem dados como incapazes. O nosso homem, porém, resolveu usar doutro processo — e bem extravagante! A maneira de supositório, pegava de um dente de alho, e enfiava-o, discretamente, por aquele lugar que não é decente mencionar, de que resultava, quase imediatamente, subtrahir a febre às alturas...

Os médicos, todavia, por mais que parasitassem, não acertaram.

(CONTINUA NA 2.ª PAGINA)

QUADRA

OH RAPARIGA DA SERRA
VIRGEM COBERTA D'ESPINHO
NÃO DEIXES A TUA TERRA
PODES PECAR NO CAMINHO

D. R.

UM ACORDO

ENTRE ARMADORES DA
PESCA DO BACALHAU

PORTUGUESES, ESPANHÓIS
E FRANCESES

Foi celebrado, em San Sebastian, um acordo entre os armadores da pesca do bacalhau portugueses, espanhóis e franceses, cujo objecto é a liquidação de acidentes entre navios das três nacionalidades. Os armadores portugueses estarão representados pelo sr. comandante Raul Fernandes.

No mesmo dia, os armadores espanhóis homenagearam o sr. comandante Henrique Tenreiro, como agradecimento pela assistência que o «Gil Eanes» tem prestado, em várias ocasiões, às tripulações espanholas, nos mares da Gronelândia.

(CONCLUÍ NA 1.ª PAGINA)

O CLUBE RECREATIVO LUSITANO

E UMA INICIATIVA DE INTERESSE TURÍSTICO

O CLUBE Recreativo Lusitano, acaba de passar por forte tempestade que o fez estar à beira, muito à beira mesmo, do seu naufrágio total.

Felizmente homens há — e quanto eles fazem, quando querem! — que não se sabem conformar com a extinção pura e simples de qualquer causa ou coisa, sem queimarem os últimos cartuchos, aparecendo, tarde ou cedo não se discute, mas

aparecendo, quando é mais preciso o reagrupamento de forças, tentando dar vida a um doente à beira da morte.

Transe bem difícil esse, tão difícil que ninguém, ou quase ninguém acreditava já no ressurgimento do Clube que tantas tradições tinha, e que tantas noites de arte nos havia proporcionado.

Nos seus 48 anos de existência

(CONCLUÍ NA 2.ª PAGINA)

O MINISTRO DAS OBRAS PÚBLICAS DE ESPANHA

ESTUDOU EM AIAMONTE OBRAS DE VITAL INTERESSE PARA A CIDADE



O Alcaide de Aiamonte D. Narciso Martín Navarro, expõe ao Ministro os problemas mais urgentes da cidade. À direita o General D. Vigón, o Governador Civil de Huelva, D. Bruquetas Saurín

NO passado dia 26 de Fevereiro, o Ministro Espanhol das Obras Públicas, Ex.º Sr. D. Jorge Vigón, na sua viagem pela provincia de Huelva, chegou à cidade de Aiamonte juntamente com os Directores Gerais das Estradas e Obras Hidráulicas e elevado número de pessoal técnico do seu departamento. Acompanhavam o sr. Vigón o Governador Civil de Huelva e as primeiras autoridades da provincia.

O ilustre visitante foi recebido no limite do concelho pelo Alcaide de Aiamonte D. Narciso Martín Navarro e cumprimentado à sua chegada à povoação, pelas inúmeras autoridades locais, enquanto que

enorme massa de povo, que enche completamente o Passeio General Queipo de Lhano, ovacionavam estrondosamente o ilustre membro do Governo.

Depois da recepção, a

AS PRAIAS ALGARVIAS

NUMA EXPOSIÇÃO DE ARTE EM PARIS

PORTUGAL, com o seu maravilhoso clima, e uma Natureza pródiga em paisagens encantadoras, seduz todo o turista que por muito ou pouco tempo, tem a felicidade de nos visitar. O ano passado, percorreu o nosso país, uma jovem

comitiva dirigiu-se ao Palácio Municipal, onde depois de ser servido um breve aperitivo, foi oferecido um lutoalmoço pelo Ayuntamiento, ao sr. Ministro e sua comitiva.

Findo o almoço, o Alcaide aiamontino, depois de dar as saudações em nome da cidade, enumerou ao Ministro das Obras Públicas, os problemas mais urgentes que dependiam do Ministério das Obras Públicas, destacando, pelo seu vital interesse para a população, o abastecimento de águas potáveis, dragagem da barra do rio Guadiana, até ficar com um calado médio de 20 pés, balizamento do Guadiana até La Laja, um novo molhe, desinfecção dos esteiros de Santa Gadea e construção de uma estação para mercadorias, transportadas por caminho de ferro, e recordando por

(CONCLUÍ NA 4.ª PAGINA)

A ESCOLA TÉCNICA PROFISSIONAL DE VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

A INAUGURAÇÃO há pouco da Escola Técnica de Loulé e o movimento justissimo de gratidão e reconhecimento por parte das entidades oficiais e das forças vivas de Falmalicão a Sua Excelência o

POR
JOSÉ DA CRUZ AZEVEDO

Senhor Ministro do Educação, pela criação da Escola Técnica, aliada ao pedido, — que estamos certos será atendido, — para que a mesma seja instalada em edificio próprio, suscitou no nosso espirito o fervoroso desejo de lançar um grito de esperança a quantos na nossa terra ou fóra dela dispensam alguns momentos de medição ao transcendente problema do ensino técnico profissional da nossa juventude de modesta ou quase nulas condições económicas.

Afastada como a nossa terra está, a 52 quilómetros do mais próximo centro de instrução para além do exame primário da 4.ª classe, ultimada a frequência desta resta-lhes como única recurso o ingresso nas oficinas ou fábricas, — sem a mais elementar preparação e em ambiente empírico e atrofia-



do, — nos misteres de electricista, serralheiro, carpinteiro civil ou naval, operário da indústria das conservas, etc.

Não poderão vislumbrar o mais leve insentivo, que lhes aguce o desejo de num futuro próximo, se evidenciarem na vida pela sua inteligência e esforço.

E quantos, que poderiam constituir verdadeiras revelações, vão ficando pelo caminho entregues ao marulhar de incertezas ou vicios que a vida contém, abstraídos das suas reais possibilidades natas para o desempenho do lugar de operários educados, instruídos, conscientes dos seus valiosos

2.222 NAVIOS PERDIDOS

em onze anos

No decurso dos últimos onze anos, as marinhas mercantes de todo o Mundo perderam 2.222 navios, apesar de todos os aperfeiçoamentos técnicos introduzidos na navegação.

Esta frota representa, com 3,2 milhões de toneladas, cerca de 0,3% da tonelagem mundial.

Em 1956 e no primeiro trimestre de 1957 registou-se a perda de 206 navios: 54 afundaram-se, 13 desapareceram, 78 encalharam e não puderam ser postos a flutuar de novo, 20 foram destruídos por incêndios, 24 afundaram-se depois de colisões. O desaparecimento dos últimos 17 foi atribuído a causas diversas.

A FAUNA HUMANA...

CAPRICHOS DA SORTE

O MÊS de Fevereiro é inconstante como uma mulher nervosa. Foi desta maneira que o definiu o espirito gentil e sentimental de Júlio Diniz em um dos seus melhores romances.

Mês contraditório, com rajadas de inverno e assomos de primavera, só uma delicada figura de mulher o poderia simbolizar com exacta propriedade.

Em Fevereiro de 1898 um rapaz que havia feito 22 anos de idade quatro meses antes, pisava apressadamente a calçada da rua do Arsenal. De súbito, uma voz infantil gritou-lhe alto:

— Senhor... senhor! compre-me esta cautela de doze vintens... Anda hoje à roda e deve sair premiada...

O rapaz parou e viu na sua frente uma mulatinha de 10 anos, ladina e simpática, pobremente vestida, desgredada e descalça. Fitou-a da cabeça aos pés, dizendo-lhe com meiguice:

préstimos como colaboradores das indústrias!

Somos operário da indústria de conservas de peixe há 48 anos e durante toda esta longa vida, nunca sentimos o inefável prazer, que deve ser, ouvir a nosso lado o mestre numa lição de biologia, microbiologia, física ou química ainda que elementar. Por isso avaliamos a enorme contribuição e

(CONCLUÍ NA 3.ª PAGINA)

CONVENÇÕES DE TRABALHO

Indústria de conservas de peixe do distrito de Faro

A comissão corporativa emergente do contracto colectivo de trabalho celebrado entre os Grémios dos Industriais de Conservas de Peixe de Barlavento e Sotavento do Algarve e o Sindicato Nacional dos Operários da Indústria de Conservas e Offícios Correlativos do distrito de Faro ficou assim constituída: presidente, delegado distrital do I. N. T. P., e vogais, José Joaquim Mendes Furtado e Joaquim da Costa Santa, em representação do Grémio dos Industriais de Conservas de Peixe de Barlavento do Algarve; Mário Garcia Ramirez, Lourenço Baptista Lopes de Mendonça e João Folque e Brito, do Grémio dos Industriais de Conservas de Peixe de Sotavento do Algarve; e António Graça Mira e José João Ambrósio Neto, da sede, e António José Ventura e Raimundo Teresa Rodrigues, da secção de Portimão, do Sindicato Nacional dos Operários da Indústria de Conservas do Distrito de Faro.

— Eu tenho horror ao jogo. Não quero ser rico pelo que posso herdar aos outros que ficarão

POR
MARGOS ALGARVE

a chorar pelo pão dos seus filhos... E ela, solícita, inteligente e amável, ousou arriscar estas palavras dolorosas:

— Senhor, eu tenho fome! Desde ontem ao almoço não mais comi... O frio gela-me o corpo e a alma!

Comoveu-o. Abandonou suavemente a relutância de aquele homem novo pelo jogo.

Tirou da algibeira do colete três tostões em prata, dizendo-lhe:

— Toma esse dinheiro: doze vintens da cautela e três vintens para comprares um pão e duas fscas, ali na travessa do Cotevo, donde o cheiro agradável, apesar do-lhe com meiguice:

(CONCLUÍ NA 4.ª PAGINA)

Notícias PESSOAIS

Partidas e Chegadas

Com pouca demora esteve nesta vila o nosso prezado amigo e assinante sr. Teófilo Nené, residente em Lisboa.

Tivemos o prazer de cumprimentar nesta vila, o sr. Raul Pinto, gerente do B. Nacional Ultramarino em Loulé.

Esteve no Algarve, acompanhado de sua esposa, mãe e tia, o nosso prezado e ilustre compatriota, sr. Tenente-Coronel dr. Vasco Martins.

Regressou de Lisboa, o nosso prezado amigo sr. José Armando Ribeiro Rosa.

Acompanhado de sua esposa, encontra-se em casa de seus sogros nas Cortes Pereiras, o nosso prezado assinante nesta vila, sr. Mário Borges de Sousa.

Encontra-se nesta vila, o nosso prezado assinante, sr. Carlos Pereira, agente da P. S. P.

Regressou de Lisboa, onde se esteve especializando em corrente eléctrica alterna, o nosso prezado amigo e assinante sr. Francisco Ribeiro Alves.

Conta Gotas

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

vam no diagnóstico do mal. Que seria, que não seria, não conseguia dizer onde é que estava o gato...

Não sabiam os médicos, mas veio a sabê-lo um enfermeiro de serviço, que logo contou como a coisa se passava.

Moralidade da historietta:

— Em todas as situações aparece um homem que funciona de dente de alho. Deus nos livre da presença dessas criaturas que levam a febre às situações onde tudo deveria correr à temperatura normal e à pressão de 760 milímetros...

FERIDA IMMEDIÁVEL:

Em todos nós, mais ou menos, há uma ferida imediável — immedicabile vulnus. Não a curam remédios de botica, não a curam as mais consoladoras palavras do nosso próximo, não a mitigam as mais propícias leituras, não a atenuam as mais belas paisagens. Os remédios, químicos e morais, passam, e ela fica — tenaz, invencível, cruciante.

Não a vencemos — ela nos vence. Antero foi um dos vencidos dessa espécie de immedicabile vulnus, ferida de natureza metafísica, que lhe vinha do rodopiar incessante em volta dos problemas transcendentes a respeito do Além, a respeito de Deus, problemas para os quais a sua inteligência (aldis tão preclara) nunca encontrou solução.

No Mistério de Jesus, disse Pascal: «Tu ne me chercherais pas, si tu ne m'avais pas trouvé». Não me procurarias, se me não tivesses encontrado. Antero não encontrou Deus, mas suicidou-se a procurá-lo. A tragédia anterioriana foi a negação do paradoxal dito pascaliano.

EM PRÓL DOS BOMBEIROS

NÃO pode deixar de merecer a mais franca simpatia a todos os habitantes de Vila Real de Santo António o movimento em curso para auxiliar os nossos Bombeiros Voluntários a construir o seu Quartel-Sede.

Sendo uma obra dos Bombeiros, ela é, contudo, uma obra para servir a população da nossa terra nos momentos infelizes da adversidade, e esse facto não pode consentir que sobre ele se lance indiferentemente, o véu de um egoístico alheamento. E' que tanto mais perfeita e eficaz fôr a organização dos Bombeiros mais segura contra determinados riscos pode considerar-se toda a população.

Muito pouco nos pedem os Bombeiros em comparação com o MUITO que voluntariamente se aprestam para nos oferecer:

— o abandono do seu lar, para acorrer aos nossos lares em perigo;

— o esquecimento de seus filhos, quando se trata de acudir aos nossos filhos;

— o desprezo da sua própria vida, desde que seja preciso salvar as nossas vidas.

Por estas e outras considerações que todos nós compreendemos e sentimos vivamente, é da mais pura justiça não se lhes negar o auxílio que nos pedem.

Assim, pensa-se que a população de Vila Real de Santo António o assunto mereça toda a meditação e interesse, que muito justamente se entende seja bem digno.

Por isso, vêm-se fazendo um apêlo de solidariedade aos habitantes desta Vila solicitando a sua colaboração neste movimento de interesse comum.

Insiste-se hoje neste apêlo: **TODOS DEVEMOS AJUDAR OS NOSSOS BOMBEIROS!**

Vilarrealenses:

Pedimos para que aumenteis uma vez numa semana uma hora do vosso trabalho, cujo salário reverterá para este movimento em pról dos nossos Bombeiros. Não será grande o sacrifício pedida: uma hora de trabalho a mais, uma vez!

O vosso contributo aumentará a possibilidade da edificação da sede dos Bombeiros.

Duas profissões corresponderam já a este apêlo: os motoristas marítimos e seus ajudantes e os operários estivadores do nosso porto.

Mas é preciso que todos colaborem nesta campanha. Os Bombeiros bem o merecem!

Contamos com a vossa ajuda!

Um grupo de vilarrealenses

Clube Recreativo Lusitano

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

cia, o «Grémio» deu-nos sempre um ambiente acolhedor e familiar que não é possível esquecer facilmente. Ainda estamos lembrados das últimas festas de grande projecção em que, entre outras coisas, foi possível a realização de Jogos Florais e a apresentação do grupo coral, cantando o bonito hino do Clube.

O desaparecimento do velho «Grémio» seria pois uma perda irreparável no meio recreativo da nossa terra.

Por um grupo de amigos foidado o alarme. Eles tentaram, antes da convocação da penúltima Assembleia Geral do «Grémio» procurar solucionar os problemas junto do senhorio do prédio. Não lhes tendo sido possível foram para a Assembleia que, sentindo a gravidade da situação, tomou resoluções já nossas conhecidas pelo relatório dos periódicos locais. Os resultados finais dessas resoluções foram conhecidos na Assembleia de 1 do corrente, no relatório apresentado pela comissão, credora do nosso reconhecimento pelos esforços empregados na solução feliz que conseguiram para o «caso Grémio».

Nesse relatório, foi dado conhecimento da forma séria, cri-

teriosa, verdadeiramente amiga como o senhorio do prédio deu satisfação aos interesses do Clube, aos interesses da nossa terra. E' justíssimo destacar o alto espírito construtivo, diremos mesmo o altruísmo do sr. José António Ritta, porque na verdade, renunciando a alguns milhares de escudos que era credor do «Grémio» como senhorio, e de ter facilitado ainda como é do conhecimento da Assembleia, a continuidade do clube, proou, inequivocamente, que nunca foi seu interesse dificultar a vida do prestimoso «Grémio». A Assembleia reconhecida, aclamou o sr. Ritta sócio benemérito.

O «Grémio» continua pois a servir a nossa terra.

Bem hajam todos que contribuíram para tal.

Sabemos a renovação total, sancionada pela Assembleia, que a comissão e a direcção indicada para dirigir os destinos do Clube, pretendem fazer na futura vida do Grémio.

Quando essa renovação for um facto, podemos então orgulhar-mo-nos do nosso Clube, pela projecção que terá, não só na nossa terra, como no Algarve, para não irmos mais longe. Como iniciativa turística de alto valor para a nossa terra, o Grémio explorará um restaurante luxuosamente apresentado, que terá lugar no seu salão principal — sem prejuizo de futuras festas — para servir os sócios, famílias e forasteiros acompanhados de sócios ou recomendados. A mobília do clube terá de ser totalmente nova e condigna do restaurante, nomeadamente a sala de estar e a sala de leitura. A decoração das salas devem, acompanhar as renovações projectadas.

Agora é a vez de nós sócios, nós filhos de Vila Real dar-lhe todo o nosso apoio, moral e material. E' preciso que, o entusiasmo verificado nas duas assembleias, não esmoreça. E' preciso que a contribuição voluntária dos sócios presentes numa delas, assembleias, que em poucos minutos rendeu aproximadamente 4.500\$00, se estenda a todos aqueles que podem e desejam contribuir. E' preciso que cada sócio arranje pelo menos outro sócio.

Não esqueçamos que são precisos alguns milhares de escudos para que o Grémio atinja a finalidade que agora pretendemos. Que o carinho e apoio não tornem a faltar-lhe e que muito em breve o Grémio abra festivamente as suas portas, são os nossos votos.



PROVINCIA

TAVIRA

Teatro de Amadores

Apregoada pelas tubas da Fama; patrocinada pelo Grupo Cultural de Tavira; em beneficio de Assistência de Faro e Tavira; interpretada pelo Teatro de Amadores de Faro, foi representada na noite de terça-feira, 4 do corrente no teatro local, a reclamada peça de Joaquim Calvo-Sotelo; do repertório de Teatro Nacional «A Muralha». Sobre a peça e sua interpretação muito já disse a critica nos jornais algarvios de Faro e Vila Real de Santo António, com os quais estamos de acordo. O que lamentamos é o alto preço de entradas, em teatro, de amadores, o que ressentiu alguns lugares do teatro, portanto, companhias de profissionais, com peças de grandemontagem e interpretações magnificas, que aqui aparecem de vez em quando, levam os preços mais baratos e não têm os resultados desejados de bilheteira.

Margem de Lucros

A Intendência dos Abastecimento mantém activa vigilância sobre os preços na venda de Peixe. Assim tem processado em Lisboa por estarem a vender Peixe-Espada à razão de 11\$10 o quilo; Pargo a 100\$00 cada quilo; Abrotea a 8\$00 e vários retalhista dos

mercado de Estremoz, Campo Maior, Olhão e Portimão que vendiam o peixe com uma margem de lucro superior à legal. Aqui nesta cidade, onde se vende presentemente o peixe a preços exorbitantes, o que diremos nós se o quizermos comê-lo, temos de o pagar a 100\$00, 12\$00, 16\$00, 18\$00 20\$00 cada quilo? Pedimos providência às entidades respectivas, que podem e devem resolver este magno problema: o preço de peixe.

Melhoramentos Citadinos

Encontra-se em obras o Mercado Municipal, onde vão ser instaladas novas toldas em alvenaria, o que vem muito beneficiar o conjunto tornando o mesmo mais higiénico. Aproveitando estas obras desejaria-mos ver desta vez que se construí-se melhor a pavimentação do citado mercado, pois em dias de chuva as covas, e as águas nas mesmas instaladas, torna precário o andamento das pessoas que são forçadas a se abastecerem ali.—c.

CINE-FOZ

Hoje, O SEGREDO E A CHAVE, o filme policial perfeito, premiado no Festival de Berlim.

Terça-Feira, em Superscope A FLECHA SAGRADA, com Sarita Montiel e Rod Steiger.

Quinta-Feira, em Cinemascope O GRANDE CIRCO, com Pat O'Brien e Claude Beatty.

EXCELSIOR

As melhores tintas para navios de pesca e comércio



TINTAS PARA A CONSTRUÇÃO CIVIL

Depositarário nesta Vila:

MANUEL DA SILVA DOMINGUES

Avenida da República — Telefone 12

FALECIMENTOS

D. Luisa Rosa do Carmo Fernandes

No passado dia 1 de Março, faleceu nesta vila, a sr.ª D. Luisa Rosa do Carmo Fernandes, viúva, de 82 anos de idade.

A saudosa extinta era mãe da sr.ª D. Rosa do Carmo Fernandes, e dos sr.ª Rafael Fernandes Junior, nosso prezado amigo, Manuel António Fernandes, residente em Oran (França), Francisco António Fernandes e José Luiz Fernandes.

A família enlutada o «Notícias do Algarve» apresenta as suas condolências.

Cap. José António Simões Neves

No passado dia 28, faleceu em Faro o sr. Cap. José António Simões Neves, distinto oficial do exército, desde há muito na situação da reforma.

O saudoso extinto que tinha uma brilhante folha de serviços, deixa viúva a sr.ª D. Maria José Afonso Neves, era pai do sr. dr. José de Barros Neves, professor catedrático na Faculdade de Ciências da Universidade de Coimbra e irmão da sr.ª D. Maria dos Anjos Neves, professora oficial aposentada e do sr. Cristovão António das Neves.

TRESPASSA-SE

ESTABELECIMENTO DE FAZENDAS E MERCEARIAS
RUA DE AVEIRO (FRENTE AO MERCADO)
INFORMA-SE NESTA REDACÇÃO

AGENDA

Movimento de Navios no Porto de Vila Real de Santo António De 1 a 7 de Março:

Entrados:

MARIA CHRISTINA, de 549 ton., e ZE' MANEL, de 926 ton., Portugueses, de Lisboa, vazios.
MIRA TERRA, Português, de 562 ton., do Porto, vazio.
MIRA TERRA, Português, de 562 trn., de Lisboa, vazio.

Saidos:

MARIA CHRISTINA, ZE' MANEL e MIRA TERRA, todos para Lisboa, com minério.

FARMÁCIA DE SERVIÇO

Está de serviço permanente, de 8 a 14 de Março a Farmácia CARILHO, Praça Marquês de Pombal — Telefone, 49.



PORTO RAINHA SANTA

ATÉ OS ANJOS BEBEM!...

RODRIGUES PINEIRO & C.ª

Vila Nova de Gaia

Assina e propaga «Notícias do Algarve»

AMÊNDOA COM CASCA COMPRA O TREZE — CARTAXO

Visado pela Comissão de Censura

As mais lindas Rosas de Portugal
As mais famosas árvores de fruto



Árvores florestais — Construção de Jardins e Parques
Consulte o nosso catálogo que é enviado grátis

Mora da Silva & F.ª L.ª

Rua D. Manuel II, 55 — PORTO

VENDE-SE

UMA CASA NA RUA 31 DE JANEIRO
NESTA VILA
Tratar com = Manuel dos Santos
CAFÉ MONUMENTAL
VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

PRECISA-SE

Carpinteiros de Construção Naval de 1.ª c/8 horas de serviço ao preço de 57\$50 e de 2.ª conforme serviço prestado pelo mesmo.

Dirigir aos Estaleiros Navais de José do Nascimento Gomes & Filhos
VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO



fita de serra

KLOSTER

F. RAMADA L.ª
OVAR

LISBOA • PORTO • AGUEDA • LUANDA

FUTEBOL

Campeonato Nacional da II Divisão (Zona Sul)

Farense, 5 - Coruchense, 1
Aos 33 minutos, Realito num livre, junto à linha de cabeceira atirou o esférico para Armando que de cabeça abriu o activo. Ainda um minuto não era passado, Brito, na extrema direita, fez o centro e Armando novamente fez funcionar o marcador.

No segundo tempo, aos 8 minutos, um passe de Rialito a Armando, proporcionou a este novo tento. Aos 12 minutos numa jogada de insistência dos locais, Belião e Isabelinha II, para evitarem a entrada do esférico, nas redes, foram obrigados a meter mão à bola, falta punida com grande penalidade, que Tarro transformou. Aos 30 minutos, aproveitando um deslize do defesa Luís António a passe de Isabelinha I, marcou o ponto de honra dos visitantes. Volvidos 8 minutos Tarro, com um «tiro» fixou o resultado.

Assistiu-se a uma agradável tarde de futebol.

Toada rápida e incisiva dos farenenses, sem esmorecimentos, ao longo dos 90 minutos. O Coruchense lutou, com muito animo, mas faliu no remate.

Estoril, 4 - Oihanense, 2
Precisamente ao quarto de hora de jogo o Estoril inaugurou o marcador, por intermédio de Caracol: o avançado-centro recebeu um magnífico passe de Uria, dominou o esférico com um toque de cabeça, fazendo-o cair no solo, correu uns metros e, de angulo difícil, rematou rasteiro, ante a surpresa de Abade, que nem se fez ao lance.

Aos 7 minutos do 2.º tempo os locais aumentaram a contagem sendo autor do golo o extremo Uria, que após uma passegem de Rui, rematou de fora da grande área.

Cinco minutos decorridos, Angelo reduziu a diferença e, aos 19 minutos, o mesmo jogador estabeleceu a igualdade, da marcação de um livre e fazendo a bola entrar pelo angulo superior da baliza.

Aos 24 minutos, novamente Uria alcançou o 3.º tento estorilista: Caracol, descaído sobre a direita centrou. Rui defendeu para perto e,

Portimonense, 4 - Serpa, 3
O jogo começou praticamente com a turma visitante ao ataque mas o Portimonense, a pouco e pouco, foi-se encontrando e então assistiu-se a belas jogadas da equipa local. O esférico rolava rente ao golo, de jogador para jogador.

Ao fim dos 45 minutos o Portimonense atacou em massa, mas a defesa do Serpa desfez grande numero de ataques perigosos.

S. Domingos, 1 - Lusitano, 2
Foi precisamente o S. Domingos que, nos últimos momentos do encontro e contra todas as previsões, obteve o seu ponto de honra, terminando pouco depois o desafio com a vitória justíssima do Lusitano, ainda que pela diferença mínima.

Hoje a saída do Lusitano é difícil pois tem de defrontar-se com a bem preparada equipa silvense. No entanto quere-nos parecer que não será impossível regressar com os dois pontos da vitória, uma vez que a equipa encontra-se com certa moral e consciente da ainda possibilidade de classificação à fase que se segue.

Campeonato Nacional da III Divisão

S. Domingos, 1 - Lusitano, 2
(Ao intervalo 0-2)

S. Domingos — Valentim; Cipriano, Baptista e Conceição; Fernandes e Brás; Rogério, Severino, Amadeu, Aleixo e Ruivo.

Lusitano — Gomes; Pescada, Antunes e Gonçalves; Parra e Campos; Vitoriano, Marco, Padesca, Travaços e Ludgero.

Árbitro — Salvador Figueira, de Setúbal.

O Lusitano, em franca recuperação das suas verdadeiras possibilidades, foi à Mina de S. Domingos arrancar uma preciosa vitória frente à aguerrida turma local.

Praticando um futebol semelhante ao do domingo anterior, o Lusitano impôs a sua supremacia desde o princípio do jogo, chegando ao intervalo com a vantagem de 2 golos obtidos por Marco e Travaços, embora tivesse sido invalidado um 3.º golo, quanto a nós legalíssimo, convertido por Ludgero.

Na segunda parte, embora o jogo estivesse mais equilibrado, o Lusitano deu sempre a ideia da equipa mais forte em campo, sobre todos os aspectos, não aumentando a diferença pela já muito conhecida falta de sorte dos seus dianteiros.

na recarga, o irrequeito extremo esquerdo dos «amarelos» alcançou um soberbo golo.

Foi o n.º 7 do Estoril quem fechou a marca recargando uma defesa de Abade a um disparo de José Fernando.

Outros resultados
Sambrasense, 0 — S. Brás, 1
Aljustrelense, 1 — Despertar, 0
Moura, 2 — Silves, 0

BASQUETEBOL

Campo Cristovam Viegas-Olhão
S. C. Oihanense 23 — Lusitano F. C. 33
ao intervalo 9-17

S. C. O. — Cipriano-Martins-Correia e Brito (4), Costa-Amaro (17), Flavio (2), Belião (2), Albano (2).
L. F. C. — Branco (11), Pinheiro-Gavino (5), Carro (2), Andrade (11), Leal-Belião (2), Albano (2).

Campo de S. Luiz-Faro
S. C. Farense 32 — C. F. «Os Bonjoanenses» 29
ao intervalo 11-17

S. C. F. — Belchior-Gago (8), Afonso (2), Estevinha-Monica-Eurico (7), Vinhas (6), e Bastardino (9).
C. F. B. — Cunha-Brito (9), Adelino (10), Jesuino (6), Dias (3), Baracosa (1), Bernardino (1).

Campo Libertário de S. - Olhão
C. D. «Os Oihanenses» 51 — Ginásio C. O. 40
ao intervalo 25-17

C. D. O. — Serrano (8), A. Madeira-Hernani (2), Serro (11), Luis do O

CLASSIFICAÇÃO GERAL

Moura	10 pontos
U. Sambrasense	9 »
Silves	8 »
Desp. S. Brás	8 »
LUSITANO	7 »
Aljustrelense	7 »
S. Domingos	4 »
Despertar	3 »



No segundo tempo o jogo teve a mesma toada: ataque dos locais, defesa porfiada dos visitantes.

Em dado momento, a turma de Serpa teve uma reacção digna de louvor e que lhe ia dando o empate.

O Portimonense presentindo o perigo, lançou-se ao ataque com mais denodo, mas a defesa do Serpa, em tarde de muito acerto, tudo neutralizou.

E' de realçar o labor do avançado Betinho, pelas suas jogadas primorosas, as quais os companheiros não souberam aproveitar.

O Portimonense perturbou-se com a reacção da turma visitante.

CLASSIFICAÇÃO ACTUAL

1.ª categoria
C. D. «Os Oihanenses» 28 pontos
Sporting C. Farense 28 »
Sporting C. Oihanense 22 »
Lusitano F. C. 18 »
C. F. «Os Bonjoanenses» 18 »
S. Lisboa e Faro 14 »
Ginásio C. Oihanense 14 »

2.ª categoria
Ginásio C. Oihanense 6 pontos
C. D. «Os Oihanenses» 2 »

O Ginásio Clube Oihanense venceu o Campeonato Distrital de 2.ª categoria, conquistando a Taça José Cabrita.

12.ª jornada (penultima do campeonato) realiza-se hoje, efectuando-se os seguintes jogos:

S. Lisboa e Faro-S. C. Oihanense
Campo da Alameda-Faro Lusitano F. C. - S. C. Farense
C. F. Gomes Secorro - V. Real C. D. «Os Oihanenses» - C. F. «Os Bonjoanenses»
C. L. Sousa-Olhão

BASQUETEBOL

CLASSIFICAÇÃO ACTUAL

1.ª categoria
C. D. «Os Oihanenses» 28 pontos
Sporting C. Farense 28 »
Sporting C. Oihanense 22 »
Lusitano F. C. 18 »
C. F. «Os Bonjoanenses» 18 »
S. Lisboa e Faro 14 »
Ginásio C. Oihanense 14 »

2.ª categoria
Ginásio C. Oihanense 6 pontos
C. D. «Os Oihanenses» 2 »

O Ginásio Clube Oihanense venceu o Campeonato Distrital de 2.ª categoria, conquistando a Taça José Cabrita.

12.ª jornada (penultima do campeonato) realiza-se hoje, efectuando-se os seguintes jogos:

S. Lisboa e Faro-S. C. Oihanense
Campo da Alameda-Faro Lusitano F. C. - S. C. Farense
C. F. Gomes Secorro - V. Real C. D. «Os Oihanenses» - C. F. «Os Bonjoanenses»
C. L. Sousa-Olhão

O S. C. Oihanense e Ginásio C. Oihanense têm uma falta de comparência

CLASSIFICAÇÃO ACTUAL

1.ª categoria
C. D. «Os Oihanenses» 28 pontos
Sporting C. Farense 28 »
Sporting C. Oihanense 22 »
Lusitano F. C. 18 »
C. F. «Os Bonjoanenses» 18 »
S. Lisboa e Faro 14 »
Ginásio C. Oihanense 14 »

2.ª categoria
Ginásio C. Oihanense 6 pontos
C. D. «Os Oihanenses» 2 »

O Ginásio Clube Oihanense venceu o Campeonato Distrital de 2.ª categoria, conquistando a Taça José Cabrita.

12.ª jornada (penultima do campeonato) realiza-se hoje, efectuando-se os seguintes jogos:

S. Lisboa e Faro-S. C. Oihanense
Campo da Alameda-Faro Lusitano F. C. - S. C. Farense
C. F. Gomes Secorro - V. Real C. D. «Os Oihanenses» - C. F. «Os Bonjoanenses»
C. L. Sousa-Olhão

BASQUETEBOL

Com o jogo entre as equipas do Sporting Clube Oihanense e do Lusitano Futebol Clube, inaugurou aquele clube o seu campo de basquetebol.

Vasto e muito bem preparado recinto, que pode servir, além do basquetebol, outras modalidades desportivas.

Antes de começar o jogo, que viria a ser brilhantemente ganho pelo Lusitano por 33-23, o Lusitano, associando-se ao dia festivo da inauguração, fez a oferta ao simpático Sporting Clube Oihanense de uma caravela em filigrana, gesto que a numerosa assistência aplaudiu com entusiasmo.

BASQUETEBOL

Com o jogo entre as equipas do Sporting Clube Oihanense e do Lusitano Futebol Clube, inaugurou aquele clube o seu campo de basquetebol.

Vasto e muito bem preparado recinto, que pode servir, além do basquetebol, outras modalidades desportivas.

Antes de começar o jogo, que viria a ser brilhantemente ganho pelo Lusitano por 33-23, o Lusitano, associando-se ao dia festivo da inauguração, fez a oferta ao simpático Sporting Clube Oihanense de uma caravela em filigrana, gesto que a numerosa assistência aplaudiu com entusiasmo.

PESCA DESPORTIVA

O Clube Náutico local, acaba de inscrever a sua Secção de Pesca Desportiva na Associação Regional do Centro de Pesca Desportiva em Lisboa, tendo-lhe cabido a filiação n.º 95.

O facto causou certo regozijo entre os amadores da modalidade na nossa terra. Sabemos que já são muitos os amadores de pesca, inscritos no Clube Náutico e que brevemente será feito um concurso de Pesca Desportiva inter-sócios.

Os elementos directivos da Secção estão animados de grande vontade, projectando grandes empreendimentos, como seja a realização de um concurso entre Clubes ou Secções, e, num futuro não muito distante, um concurso internacional.

Registamos com prazer mais esta iniciativa do simpático Clube Náutico, formulando os nossos sinceros votos para que frutifiquem, não só as realizações como as aspirações dos seus dirigentes.

APONTAMENTO U TRABALHO NOCTURNO DOS PADEIROS

AINDA não está devidamente esclarecido se a personagem bíblica que sentenciou: «comerás o pão amassado com o suor do teu rosto» teria ou não, simultaneamente acrescentado: «e levantar-te-ás à meia-noite para o fabricar!»

Seja por efeitos dessa lendária sentença ou por consequente continuidade da maldição lançada por algum profeta da antiguidade sobre qualquer pobre padeiro que lhe desagradou, a verdade é que ainda hoje os padeiros continuam a levantar-se quando outros indivíduos vão deitar-se, a fim de apontarem o pão que na manhã seguinte, muito fresco e fofinho, deliciará o pequeno almoço não só daqueles que vão iniciar o seu dia de útil trabalho na Sociedade, mas também dos que até essa hora ainda não recolheram aos suaves e reconfortantes contactos com Morfeu.

Ignoramos se já alguma vez às pessoas responsáveis por cuidar dos interesses desse sector profissional do pessoal da panificação, teriam atentado neste pormenor: porque há-de o padeiro continuar a trabalhar de noite?

De qualquer modo, — tenham ou não apreciado esta tese — não parece que possa resultar em prejuizo para alguém ou para o Mundo que nós a incluamos, modestamente, no nosso apontamento de hoje, formulando uma opinião. Ei-la:

— O trabalho nocturno nas padarias devia ser abolido. Os padeiros passariam a trabalhar de dia. O consumidor teria pão fresco na parte da tarde em vez de, como até aqui, tê-lo logo de manhãzinha. A alteração imposta ao público compensaria bem, e agradavelmente, o beneficio social que adviria para uma classe.

O assunto é assim posto, de chapa, sem pormenores, que estes competem aos interessados estudá-los e decidir.

Muito satisfeita ficará a Redacção se, de algum modo, este simples apontamento poder concorrer para a resolução de um assunto que

A ESCOLA TÉCNICA DE VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

projeção que a Escola Profissional de Vila Real de Santo António vai ter num futuro próximo.

Atrevemo-nos a dizer num futuro próximo, pois confiamos cegamente nos propósitos orientadores dos nossos Governantes, no que respeita a instrução, em todos os graus e latitudes.

Todos nós, pela palavra escrita ou falada iremos desta vez dizer a Sua Excelência o Senhor Ministro da Educação Nacional que Vila Real de Santo António precisa, para a classe modesta dos seus filhos, uma Escola Técnica.

Seremos todos a dizê-lo, nós os operários e chefes de família; com a sua valiosa colaboração os nossos lidimos Representantes do Algarve na Assembleia Nacional; os nossos distintos componentes da Edilidade camarária da nossa terra, e, como manifestação de solidariedade, cremos poder contar com os esforços dessa prestante e carinhosa colectividade de Lisboa que é a Casa do Algarve.

Uma Escola Técnica Profissional será o grito unânime levado por todos ao nosso Governo, sempre atento e de olhos bem abertos às necessidades e clamores justos da grei.

Saberemos ser gratos como os outros, pela contribuição que os novos da nossa terra virão dar ao engrandecimento e elevação cultural da nossa querida Pátria.

Antegosamos a alegria de vermos os jovens lançados nas profissões da sua vocação, com aulas teóricas diurnas e noturnas ao mesmo tempo que irão conseguindo na prática o complemento da sua formação.

Uma Escola Profissional cujo regulamento permita uma aula de artesanato aonde alguns podessem evi-

denciar seus méritos nos interessantes trabalhos sobre madeira, cobre martelado, gravura em couro, trabalhos artísticos em ferro e tantos outros.

Uma Escola para o ensino elementar nos dois primeiros anos e depois elementar e de ensino médio profissional por mais dois anos. Escola que viria premiar os alunos distintos do ensino médio com visitas aos centros industriais nacionais e possivelmente a alguns estrangeiros.

Só poderá parecer um sonho aos que descrevem das nossas reais possibilidades ou não querem ver o carinho sem limites pelo problema nacional do ensino, o acendrado patriotismo e o inegalável espírito de justiça do Governo quando, como no caso presente, tudo redunda a BEM DA NAÇÃO.

Que o «NOTÍCIAS DO ALGARVE» pequeno no seu tamanho, mas duma enorme grandeza de alma pelo bem da nossa terra, seja a tuba altissonante a despertar os corações.

G. A.

EM PORTIMÃO
Leia o «NOTÍCIAS DO ALGARVE»
no CAFÉ NACIONAL
e na
BARBEARIA DESPORTIVA
(de João Bonito)

Não sofra mais de
HERNIA
(QUEBRADURAS)
EXPERIMENTE A SUAVIDADE E SEGURANÇA QUE LHE OFERECE O NOVO SISTEMA DE CONTENSÃO, EXCLUSIVO das FUNDAS E CINTAS
BARRÈRE
DE PARIS
APROVEITANDO A PASSAGEM DO ESPECIALISTA BARRÈRE EM MARÇO
FARO DIA 21
Farmácia Baptista
Enxertos e catálogos grátis
Instituto Barrère de Portugal
LISBOA R. Nova de Trindade, 6-1.º
Tel. 24168

Alfaiataria MADEIRA
VENDE LANIFÍCIOS

Não compre nem mande executar os seus fatos sem consultar esta
ALFAIATARIA
Vestir na alfaiataria MADEIRA é vestir a vida inteira
VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

Porque não forra V. Ex.ª a sua casa de campo ou prala com telas betuminosas, tornando a cobertura mais leve e económica?

“RAVAR”

É um produto da mais alta qualidade, fabricado pela afamada firma inglesa William Briggs & Sons de Dundee.

Peça as informações técnicas que lhe serão remetidas sem qualquer encargo ou compromisso

Tudo para a protecção das construções Cívicas e Industriais
IMPERMEABILIZANTES

TINTAS
isolamentos termicos encontrará V. Ex.ª na firma
V. T. MARTINS
Rua Prata, 59 3.º Esq.
LISBOA
TELEFONE 28690
A mais completa casa da especialidade

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

e físicas do país «onde a terra acaba e o mar começa». Apontam-se os mais importantes acontecimentos históricos do País e a sua contribuição para o alargamento dos horizontes do mundo, com Bartolomeu Dias, Vasco da Gama, Pedro Al'vares Cabral e outros em relevo.

2—As riquezas espirituais da Nação, o seu património cultural, o seu folclore, a arte, a ciência e o seu sistema educativo serão apresentados no segundo sector do Pavilhão.

3—A actual vida portuguesa apresenta-se na terceira secção do edifício, evidenciando-se as indústrias de pesca e da energia eléctrica, minas, transportes e comunicações.

4—Depois, os planos de futuro e o que se está a fazer para o aproveitamento da maioria dos recursos do País, de forma a aumentar-se o nível de vida geral.

5—Finalmente, a quinta secção descreve as Províncias Ultramarinas e a solidariedade e o progresso dos povos de todos os territórios portugueses fora da Europa.

As actividades portuguesas estarão ainda presentes em mais dois locais da Feira: no Palácio Internacional da Ciência e no Palácio das Belas-Artes.

O grande dia para a representação lusitana na Feira Internacional de Bruxelas será o dia 24 de Junho — «Dia de Portugal». Para essa altura far-se-á um grande espectáculo folclórico, com os seus cantares e danças; a todos os visitantes serão oferecidas recordações de Portugal, ao mesmo tempo que, por todo o recinto da Exposição haverá diversos mostruários e cartazes recordando tratar-se do «Dia de Portugal» e sublinhando a contribuição lusa para o mundo actual.

Anuncie neste jornal de grande expansão em todo o País.

Noticias do Algarve

SEMANARIO REGIONALISTA

Caprichos da Sorte

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

da hora matutina, se espalhava já pelas cercanias da rua do Arsenal.

A mulatinha sorriu e quis-lhe beijar a mão, que ele não consentiu. Separaram-se com um adeus carinhoso e fraternal.

O rapaz retomou a sua pressa, pois o paquete «Angola», atracado ao Cais de Sodrê, aguardava os últimos passageiros para a África Ocidental.

A mulatinha ficou radiante perante o gesto do rapaz. Até ali, as esmolas que lhe deram não iam além do valor de 5 réis...

Ele também retirou contente por ter feito bem, monologando dentro da sua consciência:

—Volto para o Congo a explorar pretos e mulatos; portanto, fui simplesmente justo em deixar-me explorar por aquela mulatinha que arrasta a sua miséria pelas ruas de Lisboa...

Um rebate de consciência sentido em horas de reflexão, cai no fundo das almas como um bálsamo divino a esquecer o egoísmo, a avareza e a inveja.

Esse rapaz novo é este velho que está a rabiscar tiras de papel para um pequeno jornal nascido e criado em uma das margens do Guadiana, rio que envolve nas suas águas fraternalmente, portugueses e espanhóis.

Em tempos idos nasceram pleitos, querelas e lutas de fronteiras que os tornaram inimigos.

Hoje, porém, deram-se as mãos para uma defesa colectiva, mantendo a respeitável distância árabes e moiros, capitaneados por esse Nasser Nitteriano...

Acomodei-me no «Angola» o melhor que pude, esqueci-me da cautela e fui pensando no Algarve, na minha família e no primeiro filho que chegou na Primavera desse ano.

Em S. Vicente de Cabo Verde estavam dois portugueses à espera do «Angola» para seguirem para Luanda. Tinha vindo do Brasil onde a sorte não lhes sorriu.

A sua bagagem era insignificante; as suas caras chupadas denunciavam privações; uma guitarra e uma viola eram duas amantes que eles afagavam com alegria e sentimento. Eu e dois rapazes dos lados de Coimbra, organizados em comissão, fomos pedir licença ao comandante para os tocadores e cantadores darem sessões de música e canto. Era uma maneira decente de colher algumas moedas de prata para socorrer os dois rapazes sem recursos. A primeira sessão teve um êxito superior aos nossos cálculos financeiros. Uma enchente.

Um dos cantores possuía voz de tenor; tocava e cantava admiravelmente. Era um artista quando na voz melodiosa soltava estes queixumes:

Eu quero que o meu caixão Tenha uma forma bizarra, A forma dum coração, A forma duma guitarra.

Amas a Nosso Senhor Que morreu por toda a gente; A mim não me tens amor Que morro por ti somente,

A primeira quadra era de Augusto Hilário e a segunda de Augusto Gil, dois poetas que voaram já, como ídolos, nas asas da Academia e das tricanas de Coimbra. Assim fomos suavizando as saudades da Patria e auxiliando dois portugueses que percorriam terra e mar à deriva...

No interior do Congo recebia quizenalmente «O Século» e «O Futuro», de Olhão, que mitigavam um pouco a solidão das florestas.

A cautela comprada na rua do Arsenal pertencia ao conhecido cambista António Inácio da Fonseca e saiu branca, graças a Deus! Nunca mais comprei jogo e olho sempre os jogadores com certa compaixão por verificar que o seu vício traduz uma inferioridade merecedora de repreensão.

Quem saber como terminou os seus dias o rico e velho cambista Fonseca? Tombou em uma rua do Rio de Janeiro a pedir esmola.

Vivo em uma cidade algarvia

Marcos Algarve

O MINISTRO DAS OBRAS PÚBLICAS DE ESPANHA

VISITOU AIAMONTE

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

último o mais ambicioso de todos os projectos daquela cidade irmã: a construção de uma ponte internacional que ligasse Aiamonte com Vila Real de Santo António, e que consolidaria definitivamente os laços de fraternidade e afecto, entre os dois países irmãos.

em que os cauteleiros, desde os fins de Dezembro de 1957, fazem um negócio rendoso. O primeiro prémio da lotaria pertencente ao Ano Novo veio para cá, dividido, na maioria, por gente pobre. Um delírio empolgou a população.

Passaram a comprar jogo à doida, como se a sorte viesse para aqui todas as semanas. Ilusão, demência ou ignorância? Ricos, remediados e pobres, ao desafio, vão-se enchendo de jogo e esvaaziando, parvamente, as algibeiras...

Passaram já vinte anos que esta cidade foi empolgada pela mesma doença moral e social...

Um prémio elevado veio para cá e diferentes compradores julgaram-se felizes enquanto o dinheiro tilintou na algibeira. Um dos felizardos, o Sequeira, negociante de peixe, casado e com filhos crescidos, tomou-se de amores com uma mulher casada. Limpou-lhe o dinheiro todo e mandou-o regressar a casa...

O Sequeira, obcecado, desobedeceu. No outro dia, marido e mulher, resolveram assassiná-lo e enterrá-lo no campo em que viviam, nos arrebaldes de Olhão. O crime foi descoberto e andou nos diários de Lisboa com este título: «O crime da Patinha».

O escândalo retumbou por todo o Algarve e teve o seu desfecho no tribunal da comarca de Olhão.

Um amigo do pobre Sequeira, falando comigo, disse-me cautelosamente estes dois versos populares:

Quem namora mulher casada Anda com a vida emprestada!

AS PRAIAS ALGARVIAS

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

caminhos ou em lugares predestinados turisticamente, se encontram tão amide no nosso país. Mademoiselle Aline Avigdor, expõe actualmente, na Galeria Cambacères, na rua de La Boétie, 78 aguarelas, sobre diversos temas portugueses, espanhóis e italianos.

Das obras expostas, 21 das telas são dedicadas a Portugal, desde Aveiro até ao extremo Sul.

Várias das telas, dedicadas ao nosso país, reproduzem motivos algarvios, destacando-se algumas delas sobre as praias portuguesas, nomeadamente as algarvias, tendo sido bastante admirado um quadro sobre Albufeira, donde se destacam com todos os pormenores dois barcos de pesca, aparelhados para a faina.

Esta exposição, que dada a diversidade de temas tem despertado o maior interesse nos meios artísticos parisienses, foi já visitada pelos embaixadores de Portugal e Espanha.

tias, Patrona da cidade de Aiamonte.

Os ilustres visitantes, despediram-se das autoridades locais às portas do Palácio Municipal, seguindo para Ilha Cristina e Sevilha.

Manuel Férla Sousa



QUANDO recebi o seu telefonema, findava o almoço. Não lhe reconheci a voz. O meu paladar ainda impregnado de molho de fricassé, tirou-me aquele atributo pessoal de previsionista. Falou-me e ri-me na cara, para lá dos fios, e marcou-me um encontro à mesa dum «café».

O ser minha assídua leitora e feroz admiradora, não me bastava; eu queria saber o seu nome. Disse-me duas clínicas e enigmáticas iniciais: M. C. — e procurei essas duas iniciais, sinónimo de um nome qualquer, na gaveta empoeirada das recordações, num cantinho mal iluminado do coração, e consultei a sua entoação de voz no meu «cadernet» com gravação a fio de aço. Você, M. C., não estava lá — nem na gaveta, nem no cantinho do coração, nem gravada a fio de aço.

Mal entrei no «café», aquele pst-pst indicou-me a sua posição de sentinela vigilante, e pude reaver de novo a dívida que quase se dissipara: uma desconhecida, ali sentada, esperava por mim.

Analisei a sua visível ataralhalção quando me contou a sua história — história pequenina, sem dramatismo nem lágrimas, que nem chegava para a posteridade a contar. Natural de uma terra algarvia onde residia, tinha vindo de passeio até à capital, e «dera-lhe na cabeça» telefonar-me. Desejava, disse-me, «ver» o homem e não o publicista que lhe contava os contos no papel, as histórias que todos lá em casa liam e comentavam. E, desde então, iniciou uma série de risos históricos, alargando o rosto numa convulsão nervosa até ficar bojoado tal como a garrafa de Kopke que estava na sua frente — a tamborilar os dedos sobre a mesa e fitando-me, seguindo os meus movimentos, aquela rapariga jovem, nervosa, de olhar sem brilho, rosto anguloso sem traços definidos e estatura normal, tudo isto com uma berrante pinelada de falso modernismo e estafado esteticismo, que faria gargalhar Paul Sartre.

Falámos, então, de tudo; rabiscámos na folha de papel químico da vida, a mistificação da realidade; a vaidade, o egoísmo, a hipocrisia, a ilustração e a erudição de certos comparsas desta comédia real; dissertámos, após uma longa pausa, sobre a metromania dos sonhadores de olhos abertos que julgam modificar este corrupto globo; e de música clássica e moderna, onde esvoaçou um Mozart, Chopin e Puccini, e um rock, seguindo-se-lhe literatura. Falou ela num Shakespeare, Balzac, Remarque e Miller — como se privasse com eles ao pequeno almoço. Falei eu num Herculano, Queirós, Mesquita, e Brandão — como português de lei que sou.

Isto, minha estimada M. C., de comprar meio quilo de filosofia barata, duzentos gramas de personalidade e cento e vinte de erudição para «botar» figura — cheira a naftalina. Tem umas certas parências com o cretino que tira o relógio só para nós vermos — o mesmo acontece com a «sua» erudição. Eu, não a tenho; nunca gostei de armar em erudito. Não leio, como você, Shakespeare, Balzac, Remarque ou Miller; vivo mais do que leio, mas prefiro Alexandre Herculano, Eça de Queirós, Marcelino Mesquita ou Júlio Brandão — sou mais patriota do que a M. C., não lhe parece?

Disseram-lhe, talvez, que era fino ou modernismo plantar na bagagem dos cantos da boca tais nomes, e enganaram-na, como enganada está na concepção que faz do seus escritores preferidos e nas suas obras imortais. O «seu» Othelo, tem muito bafio; o «seu» Caixeiro Viajante, não tem crédito, e há mentira igualmente no «seu» A Oeste Nada de Novo...

O que responde você para concretizar a sua opinião sobre o drama e tragédia de Shakespeare? E o lirismo de Balzac? — a virilidade de Erich Marie Remarque ou a definida personalidade de Arthur Miller?

Nada; ficou calada — lembra-se? Sabe, claro está, o que é já muito para a sua ilustração, que a actriz Paulette Goddard casou com o escritor Remarque, e o Miller com a Marilyn Monroe — o que se não pode negar a veracidade de tais acontecimentos.

E será talvez por isso, M. C., que você se aborrece, contrai o rosto, morde o lábio inferior, agita as mãos ambas, e tosse — quando ouve falar nas Lendas e Narrativas, de Alexandre Herculano; no realismo de Eça de Queirós em A Cidade e as Serras; no sentimento de Envelhecer, de Marcelino Mesquita ou na sensibilidade de Maria do Céu, de Júlio Brandão. Eu sei, compreendi o seu alheamento sobre o que é nosso, o que é português. E o caso de «não gostar das fitas nacionais» — as italianas são mais realistas. E você vive esse realismo nas páginas dos seus escritores, mas não vive a vida, o dia-a-dia, a realidade e a atmosfera palpável que se chama o todo, o sentir e a verdade do nosso viver, o tempero com que se satisfaz o paladar. Não, não fale mais nos seus escritores nem nas suas obras, porque isso não é sinónimo de ilustração — porque falar neles, não é falar na Lolobrigida, na Sofia ou no Victor Mature.

Tenha paciência, M. C., mas esta é a verdade — deixe o Shakespeare, Balzac, Remarque e Miller, dormirem descansados, dois no túmulo e dois com cocktails sobre a mesa de cabeceira...

Emilio Valongo

MÓVEIS
Janel
ORGANIZAÇÃO MODELO
PARA A DECORAÇÃO DO LAR



GRANDE EXPOSIÇÃO DE MOBILIÁRIO
EM TODOS OS ESTILOS NOS SEUS
VASTOS SALÕES DA
Rua Rodrigues Sampaio, 76-A
LISBOA TELEF. 51695

Simplem ou com soda para em toda a parte

AGUARDENTE VELHA
KOPKE
DESEDE 1638
Bebera a mulher...
Bebera Kopke